maneira possível.

Finalizo com a reflexão e lição de que, de todos os trechos relatados, o aprendizado do faz-de-conta e as brincadeiras improvisadas com materiais improvisados também foram o que mais contribuiu para que minha prática docente seja diferenciada, que eu tenha um olhar e escuta sensível aos estudantes, que eu possa buscar estratégias, projetos, atividades, ofertar materiais e organizar espaços para brincar para que as crianças sejam protagonistas, abusem da imaginação e criatividade e sejam o que desejarem ser.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Introdução, volume 1. Brasília: MEC / SET, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez, 2006.

FRIEDMANN, Adriana. O desenvolvimento da criança através do brincar. São Paulo: Moderna, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. Sobre o conceito de memória, IN FAZENDA, Ivani. (org): A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas, SP, Papirus, 1995.

KISHIMOTO, T. M. O Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 8.ed. São Paulo, Cortez, 2005.

ARTE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

RAPHAELLA CHRISTINA ROCHA NASCIMENTO

RESUMO

É possível ensinar arte ou estimular a expressão dos diversos afetos da alma no ambiente escolar?

O ambiente escolar é facilitador da criação artística ou uma instituição que dificulta o desenvolvimento da expressão artística através de modelos prontos que intimidam a produção artística?

A disciplina Arte é considerada de fundamental importância na formação global do aluno?

A arte produção e a função da arte na escola são objetos de estudos diferenciados e no presente farei algumas considerações importantes.

Esta pesquisa tem como objetivo focar no contexto educacional, porém apropriando-se de alguns elementos tratados na arte como um processo cognitivo que de maneira transversal auxilia todas as outras disciplinas partindo do pressuposto que desenvolve o pensamento, a autonomia, o senso estético, a criatividade, amplia horizontes culturais e desenvolve um amplo leque de competências e habilidades fundamentais para o processo educativo do ensino das artes na escola.

Quando nos apropriamos de concepções filosóficas e metodológicas, estamos também definindo e traduzindo a nossa forma de ver, sentir e estar no mundo, a obra artística é subjetiva e depende da emoção que desperta no sujeito. Então pode-se afirmar que o sujeito ao interpretar a obra artística e ao se emocionar, seus sentimentos interagem com a obra.

Nesse sentido, pode-se transcender a prática de ensinar e aprender para o exercício da democracia e da socialização de conhecimentos acumulados pela humanidade, tornando-os accessíveis às todas as classes sociais.

Direta ou indiretamente somos responsáveis pelo modo como eles aprendem a sentir e estar no mundo, pois somos também nós, no contexto da escola, como

profissionais da educação, que os ensinamos a ver ou não, ser ou não ser, estar ou passar pelo mundo, deixando uma construção, desta forma imortalizando-se como outros mestres que deixaram sua assinatura para sempre, que são referência e inspiram novas gerações, através da sua produção artística, diferenciando a espécie humana de outros animais.

O objetivo é contribuir com essas reflexões, para que cada vez mais estejamos conscientes do papel de fundamental importância dos profissionais na área de ARTE: focaremos estes três pilares: ensinar arte, aprender arte e criar a arte.

PALAVRA-CHAVE: Arte; Aprendizagem; Educação.

INTRODUÇÃO

Sendo a escola a segunda instituição, onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que assumir esse importante papel no desenvolvimento artístico e suas linguagens: arte visual, teatro, dança música e literatura. Contudo, o que se percebe é que o ensino da arte está, erroneamente em nossas escolas, colocado sempre em segundo plano, na maioria das vezes e tido como mera atividade de lazer e recreação esquecendo-se de ver o que a criança aprende com isso.

Desde a formação do profissional até sua formação continuada, muitas vezes tendo que lidar com os conteúdos das linguagens de forma polivalente, até o pequeno número de horas destinadas ao ensino da arte quase sempre inexistente, e no ensino infantil e fundamental optam pelo modelo feito pelo professor ou pronto, desconsiderando e desencorajando a produção artística da criança, ainda que a mesma não possa ser considerada bela, desperta emoção nos pais e passa a ser obra de arte e isto muitos educadores ignoram.

Ao longo dos anos, muito se tem falado e escrito sobre a necessidade da inclusão da arte na escola de forma mais efetiva. Através Lei 5692 de 1971, a disciplina Educação Artística torna-se parte dos currículos escolares.

Muitas experiências têm acontecido, mas no contato direto com professores, Diretores de escola e Coordenadores Pedagógicos, as intenções parecem apontar para um caminho interessante, mas é no confronto com a prática pedagógica no campo da arte que se nota a grande distância, quase um precipício, entre teoria e prática.

Muitos profissionais acreditam que o ensino de arte é importante, mas não como as outras disciplinas, e esta contradição vem sendo objeto de reflexão e prática por parte da arte, educadores interessados em reverter a situação em favor de uma escola que valorize os aspectos educativos contidos no universo da arte. Daí a nossa preocupação com a formação de profissionais que vão exercer as funções na formação e orientação de crianças e de jovens. Reconhecendo não só a necessidade da arte, mas a sua capacidade transformadora, os educadores estarão contribuindo para que o acesso a ela seja um direito do homem. Aceitar que o fazer artístico contribui para o desenvolvimento global para um ensino e aprendizagem tendo a certeza da capacidade que eles têm de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo, ampliar horizontes, viajar pela história e adquirir a cultura anteriormente só acessível a elite.

Esta maneira de propor o ensino da arte rompe barreiras de exclusão, visto que a prática educativa está embasada não no talento ou no dom, mas na capacidade de vivenciar de cada um. Dessa forma, estimula-se os alunos a se arriscarem a desenhar, representar, dançar, tocar, escrever, pois trata-se de uma vivência, e não de uma competição, palavra de ordem da sociedade capitalista, derrotar para vencer.

Uma proposta em arte coerente desperta o desejo e estimula o potencial criativo dos alunos e reconhecerão como participantes e construtores de seus próprios caminhos e saberão avaliar de que forma se dão os atalhos. A arte fará parte de suas vidas e terá um sentido, deixando de ser incompreensível, distante de sua realidade.

Esta pesquisa pretende investigar o processo de estagnação do exercício do desenho como atividade criadora, lúdica e desenvolvedora das mais notáveis manifestações cognitivas do indivíduo. Capacidades estas tão importantes para gerenciar uma visão crítica e em constante transformação da realidade que o cerca, assim como o próprio desenvolvimento das múltiplas inteligências que se faz cada vez mais importante em um mundo igualmente mutável de contrastes sempre crescentes, sejam sociais, éticos ou mesmo culturais.

O CRESCIMENTO DO ENSINO DA ARTE

O ensino da arte tem crescido no Brasil, passando por diversas etapas de compreensão. Bibliografia, experiências, documentação, exposição tem sido produzidas ao longo dos anos. Questões são levantadas, postulados são revistos. Encontros, seminários e simpósios são promovidos, tendo como princípios que o entendimento da arte no espaço educativo passa pelo conhecimento da sua história: origens, propostas, criação de escolas, inserção nas leis de diretrizes e bases, nas universidades e suas relações com a história do país.

Atualmente é importante citar os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL, como eixo norteador, portanto, é de fundamental ter ciência de seu conteúdo..."Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa

das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor através de uma síntese ausente na explicação dos fatos.

A arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo.

A mudança radical que deslocou o foco de atenção da educação tradicional, centrado apenas na transmissão de conteúdos, para o processo de aprendizagem do aluno também ocorreu no âmbito do ensino de Arte.

Ao professor destinava-se um papel cada vez mais irrelevante e passivo. A ele não cabia ensinar nada e a arte adulta deveria ser mantida fora dos muros da escola, pelo perigo da influência que poderia macular a “genuína e espontânea expressão infantil”.

O princípio da livre expressão enraizou-se e espalhou-se pelas escolas, acompanhado pelo “imprescindível” conceito de criatividade, curioso fenômeno de consenso pedagógico, presença obrigatória em qualquer planejamento, sem que parecesse necessário definir o que esse termo queria dizer.

O objetivo fundamental era o de facilitar o desenvolvimento criador da criança. No entanto, o que se desencadeou como resultado da aplicação indiscriminada de ideias vagas e imprecisas sobre a função da educação artística foi uma descaracterização progressiva da área. Tal estrutura conceitual foi perdendo o sentido, principalmente para os alunos. Além disso, muitos dos objetivos arrolados nos planejamentos dos professores de Arte poderiam também compor outras disciplinas do currículo, como por exemplo, desenvolver a criatividade, a sensibilidade, o autocontrole, etc.

Na entrada da década de 60, arte-educadores, principalmente americanos, lançaram as bases para uma nova mudança de foco dentro do ensino de arte, questionando basicamente a ideia do desenvolvimento espontâneo da expressão artística da criança e procurando definir a contribuição específica da arte para a educação do ser humano.

A reflexão que inaugurou uma nova tendência, cujo objetivo era precisar o fenômeno artístico como conteúdo curricular, articulou-se num duplo movimento: de um lado, a revisão crítica da livre expressão; de outro,

a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento.

Como em todos os momentos históricos, o pensamento produzido por esses autores estava estreitamente vinculado às tendências do conhecimento da época, manifestadas principalmente na lingüística estrutural, na estética, na pedagogia, na psicologia cognitivista, na própria produção artística, entre outras.

Nesse sentido, o ensino de Arte deverá organizar-se de modo que, ao final do ensino fundamental, os alunos sejam capazes de:

- expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções;
- compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos;
- observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível;
- compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista; Buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.

É imprescindível conhecer pensadores, teorias, abordagens, propostas, identificar seus principais temas: fazer espontâneo, aprendizado de técnicas, história da arte, polivalência, arte tradicional, popular, folclore, arte contemporânea, integração. Além disso, articulá-la com outras disciplinas e com a pedagogia: métodos, etapas, esquemas. Ou com a sociologia: cultura, sociedade, épocas.

Ou ainda com a história da arte: estilos, correntes, concepções, vertentes; e também com a antropologia: cultura, valores e sentidos culturais. Como é um universo amplo, uma vez que diz respeito ao que é humano e envolve o fazer e o pensar, o ensino da arte não poderia deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. Dessa forma, o trabalho de produção e ensino da arte a ser desenvolvido pela escola deverá configurar-se numa concepção onde arte e educação sejam práticas que se relacionam com outras, pretendendo a criação de novas práticas na arte e na vida.

Em relação às professoras que já atuam na Educação Infantil, a pesquisa também indica que as concepções sobre arte moldavam os pressupostos dos planejamentos, das metodologias, da escolha dos materiais, das avaliações e da relação dos alunos/as com esta área do conhecimento. Ou

seja, conceitos funcionalistas e essencialistas sobre arte estendiam-se no cotidiano da sala de aula em atividades de colorir desenhos mimeografados (formas geométricas, personagens de histórias, números, letras), exercícios de cópias de diferentes linhas (pontilhadas, em ziguezague, ondulada, etc.) amassar papéis e outros materiais, colar sobre as formas desenhadas pelas professoras, colagens com sucata, manipulação de massas (argila e plastilina).

Além destas atividades, há o "ensino de técnicas" diversificadas como desenhar sobre lixa, ou assoprar sobre o papel tinta em um canudo, sendo que tais técnicas são descontextualizadas dos processos de constituição da linguagem visual e desarticuladas entre si. Tais procedimentos metodológicos têm, a finalidade de "ensinar a fazer bem um desenho", por isto eram e são fornecidos "modelos" para serem copiados. Para as professoras e consequentemente para as crianças, o padrão de excelência do bem feito eram as reproduções mais próximas ao real ou ao modelo, sendo que a interpretação ou qualidade expressiva não eram valorizadas e muitas vezes eram "corrigidas", pois distorciam o modelo.

A ARTE DESENVOLVENDO

Ao buscar o significado da palavra epistemologia, encontramos: "Estudo do grau de certeza do conhecimento científico em seus diversos ramos, especialmente para apreciar seu valor para o espírito humano "(BUENO, 1996).

Pretende-se problematizar algumas questões, como:

O conhecimento apropriado de um objeto de estudo, de um objeto cotidiano ou mesmo de um objeto artístico é sempre variável de pessoa para pessoa, de sua emoção, de sua interpretação e depende também do tempo-espaço histórico e cultural, de interesses e desafios.

Portanto, a relatividade é uma constante no exercício de aprender e ensinar, sendo a didática o elo entre o conhecimento e aprendizagem e o desejo o combustível que faz a aprendizagem acontecer.

A apreciação da arte invoca os valores humanos; isso significa que nessa trama envolvem-se elementos como conceito, opinião e análise. Então, se buscarmos os significados para além da etimologia, podemos pensar nesses conceitos como algo a ser resinificado.

A arte pode ser definida como: "Conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa. Artifício, ofício, profissão; indústria; astúcia; habilidade; travessura; magia; feitiçaria; [...] complexo de regras e processos para a produção de um efeito estético determinado" (BUENO, 1986).

Os conceitos de arte e de ensino-aprendizagem da arte têm-se transformado ao longo do processo histórico e, nesse percurso, ambos passaram e passam por momentos, muitas vezes, semelhantes.

Hoje, entendemos por "perfeita execução de qualquer coisa" o objeto artístico que lida com a criação, a pesquisa, os conceitos, o real e o imaginário. Não buscamos simplesmente o belo, mas na presentificação, na reelaboração e na autonomia da arte sendo assim um momento só seu de expiração.

Se ontem preocupava-se apenas com a apreciação, o presente envolve-se com o estranhamento, com a co-autoria das pessoas na interação através da leitura e releitura de obras de arte.

Esses elementos são também tratados no contexto escolar. Vale como experiência humana fazer arte, pensar a arte e transformar-se pela arte. Decodificar a gramática visual, corporal e sonora, transpô-la para o mundo real e imagético é acima de tudo compreender os signos do mundo presente. É também aprender arte e na arte,

apropriando-se tanto dos aspectos cognitivos como dos sensíveis, pois “as obras de arte falam o inefável, cultivam a sensibilidade, para que o sutil possa ser visto, o secreto desvelado. Em resumo, a arte nos ajuda a conhecer o que não podemos articular.” São palavras de Eisner (apud BARBOSA, 1997, p. 90).

A escola pode estar tratando do espírito investigativo, mental, introspectivo e emocional, elementos que dão sustentação à arte. Entretanto, poderíamos ainda nos perguntar: De que forma podemos desenvolver tais elementos relacionando-os ao ato de ensinar e aprender?

Eisner, novamente, nos aponta algumas pistas, quando elenca quatro grandes eixos para o ensino da arte: a produção, a crítica, a história e a estética da arte.

A produção de arte ajuda a criança a pensar inteligentemente sobre a criação de imagens visuais. Ela pode criar imagens que tenham força expressiva, coerência, discernimento e inventividade. A crítica de arte desenvolve sua habilidade para ver, ao invés de simplesmente olhar, as qualidades que constituem o mundo visual - um mundo que inclui, e excede, trabalhos formais de arte.

A história da arte ajuda as crianças a entender alguma coisa do tempo e lugar, pelos quais todos os trabalhos artísticos se situam: nenhuma forma de arte existe em um vácuo descontextualizado. A estética é o mais novo componente curricular de Arte-Educação - compõe as bases teóricas que permitem o julgamento da qualidade daquilo que se vê. Argumentamos a partir de nossos julgamentos de valor, e gostamos de fazê-lo. Entender a variedade de critérios que podem ser aplicados às obras de arte e refletir sobre os significados do conceito arte é o objetivo principal da estética (apud BARBOSA, 1998, p. 83).

Vale ressaltar que esses elementos, apesar de suas especificidades, caminham paralelamente, envolvidos num tempo histórico-cultural. Isto é, cada conceito discutido, cada produção realizada, cada obra de arte pensada e cada momento histórico abordado no contexto da escola deverão fazer parte do conjunto de ações quotidianas e frente a um pensamento contemporâneo.

Pensar a partir do nosso tempo sobre outros tempos é fundamental no exercício temporal, mental, relacional e no diálogo silencioso e expressivo nosso com outros tempos a partir deste tempo, que é onde vivemos e percebemos todas as coisas.

O conhecimento apropriado de um objeto de estudo, de um objeto cotidiano ou mesmo de um objeto artístico é sempre variável de pessoa para pessoa, de sua emoção, de sua interpretação e depende também do tempo-espaço histórico e cultural, de interesses e desafios.

Portanto, a relatividade é uma constante no exercício de aprender e ensinar, sendo a didática o elo entre o conhecimento e aprendizagem e o desejo o combustível que faz a aprendizagem acontecer.

Nas expressões artísticas de cada criança são externizados os sentimentos, as emoções, as expectativas e os anseios ao mesmo tempo em que se estabelecem novas reflexões com a realidade em que se está vivenciando. Essa interação com o meio e ao mesmo tempo com o outro ocasiona experiências significativas no desenvolvimento afetivo, cognitivo, psíquico e de socialização na vida de nossos educandos.

As artes visuais conduzem os alunos a conhecerem suas limitações, dificuldades e possibilidades de desenvolver, explorar e conhecer suas potencialidades, capacidades e habilidades, colaborando assim, no crescimento nos diferentes campos do saber.

Importa-nos mais, neste momento, ressaltar a contribuição do ensino da arte no contexto da escola, para que meninos e

meninas desenvolvam suas capacidades emocional, sensível, perceptiva e cognitiva, visando sempre levá-los a ser e estar cada vez mais humanos para o ensino e aprendizagem na disciplina de artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração desta pesquisa, observa-se que ao ter autonomia para desenvolver seu potencial criador, o indivíduo utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem vários aspectos de seu intelecto: a percepção, o senso estético, a imaginação, a observação, o raciocínio e outras capacidades que influem diretamente na aprendizagem.

No processo de criação, o indivíduo tem oportunidade de se auto conhecer, manifestando suas emoções, libertando-se das tensões, ajustando-se, organizando seus pensamentos, sentimentos e sensações e se apropriando do patrimônio maior da humanidade a cultura.

Observei que a escola ao invés de contribuir com este processo, se manifesta erroneamente podando a criatividade do indivíduo, oferecendo modelos prontos, impedindo-o de se aventurar no ato de criar.

Alguns professores têm a ideia errônea que a arte é um elemento recreativo, pois o grande desafio do ensino fundamental com os projetos desenvolvidos para o ensino e aprendizagem dos alunos entra o projeto aprender a ler e interpretar um texto ou fazer contas de multiplicar e dividir e a interpretar obras de artes. Este tipo de concepção, mais comum do que se supõe, mesmo entre docentes, denuncia a preocupação menor de que a disciplina é alvo e a pouca importância que lhe é atribuída na formação do indivíduo.

A concepção da arte-educação como incentivo ao crescimento do ser humano é recente e sua inclusão obrigatória nos currículos uma vitória das arte-educadores que, no entanto, suam para conquistar nas escolas espaço condizente ao valor de sua missão: estimular os alunos a descobrirem seus talentos e proporcionar-lhes embasamento para que dominem um meio de manifestação; promover o contato com expressões artísticas de outros povos, despertando-os para sua história e experiências humanas, sociais e culturais, das quais essas expressões são resultado; fazer com que eles sintam necessidade e ambicionem dominar conteúdos de outras disciplinas com o fim de aprimorar suas expressões artísticas.

É de fundamental importância que arte seja entendida como porta, caminho, atalho para que os objetivos da educação escolar sejam mais facilmente alcançados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mãe (org.); EISNER, A.; OTT, R. W. Arte-educação; leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1998.

MARTINS, Mirian C (org.) Didática do ensino da arte. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

McLAREN, Peter. Multiculturalismo crítico. Tradução de Bebel O. Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução de Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.Referências